

**Natália Rezende Oliveira**

Universidade Federal de Minas Gerais

## Corpos desaparecidos, corpos presentificados: os quipus de Cecilia Vicuña

Cecilia Vicuña (Chile, 1947) produz obras que associam as materialidades têxteis à dimensão do protesto e resgate dos saberes históricos e tradicionais dos povos andinos, articulando aproximações poéticas e anacrônicas entre as culturas e figuras mitológicas do fio e a atuação de artistas e intelectuais da resistência chilena, operando numa descolonização das formas de representação no âmbito da produção artística latino-americana. Grande parte de sua pesquisa consiste na investigação poética dos quipus, sistema de notação em cordas utilizado pelas sociedades incas e recriados pela artista em experiências de instalação, performance e escrita literária, que representam, também, sua vivência no Chile e nos demais países pelos quais transitou durante o exílio após o golpe de estado e a instauração do regime ditatorial do general Augusto Pinochet (1973-1990). A apresentação pretende discutir como as noções de oralidade e narrativa são utilizadas pela artista como eixos de trabalho essenciais para o movimento de reinvenção dos quipus, e configuram-se também como estratégias para imaginar as possibilidades de presentificar corpos dados como desaparecidos – tanto os corpos dos desaparecidos políticos quanto o próprio corpo têxtil do quipu – frente à iminência de um esquecimento absoluto e institucionalizado dos contextos da colonização e da ditadura militar no Chile. Ao provocar a tensão entre a lembrança e o apagamento, Vicuña faz de suas obras verdadeiros rituais que investem na prática artística uma dimensão política e ética para com as imagens, considerando a preservação e potencialização de sua funcionalidade simbólica herdada pelas culturas originárias e atualizada na contemporaneidade, correspondendo com as discussões acerca da estética e seus entrelaçamentos com a arte política, tal como esboçado pelo filósofo Jacques Rancière em *A Partilha do sensível* e em textos de Georges Didi-Huberman e Silvia Rivera Cusicanqui.

---